

Quanto você pagaria para ver as Pirâmides?

John Maynard Keynes, talvez o maior economista inglês da modernidade, elogiava do ponto de vista econômico a construção das pirâmides do Egito. Não que ele desprezasse os aspectos culturais, simbólicos, e políticos daqueles monumentos, mas porque ele acreditava que o aspecto econômico não tinha sido bem compreendido até a sua época. Parecia aos outros que as pirâmides não tinham muito significado econômico, ou melhor, que não se encaixavam no espírito de racionalidade que se espera dos economistas.

Keynes demonstrou que em crises de subconsumo, com a fome grassando, botar todo mundo trabalhando, mesmo que fossem escravos, a preço de comida, era uma boa idéia. Afinal, isto faria circular a riqueza já que seria necessário produzir ou escoar o trigo e outros alimentos para aqueles que trabalhassem. Keynes chegou mesmo a admitir que contratar homens para abrir buracos e depois recontratá-los para tapá-los seria uma boa medida nas épocas de crise. É claro que tendo construído as pirâmides, os egípcios deram uma melhor solução.

Apesar do brilhantismo de seu pensamento, Keynes havia descuidado de dizer que isto não podia ser feito com a emissão de dinheiro já que conduziria a um processo inflacionário e poderia gerar crises de natureza inversa, como a inflação, com muita gente querendo comprar e poucos produtos sendo ofertados, os preços aumentado, etc,etc. Esta é, aliás, a grande, e talvez única, crítica que se faz à construção de Brasília. Este é ainda hoje o dilema entre contenção monetária (o que quer dizer manutenção de juros altos) e gastos públicos (o que quer dizer quase sempre gastos eleitorais).

No mundo de hoje, onde o capital circula com velocidade instantânea, o Estado está permanentemente encurralado e, de forma permanente, a arrecadação tende a reduzir em termos relativos. Isto porque se os impostos forem altos, os empresários vão em busca de outros locais onde os impostos sejam mais baixos e onde, portanto, eles possam fixar os seus investimentos. E para fixar os seus investimentos é preciso que haja regras claras de que os impostos não mudarão durante um tempo razoável que dê para o empresário recuperar o investimento.

Assim, as obras públicas tendem a ser cada vez mais privadas, ou privatizadas, e como tal têm que ser pagas diretamente pelos beneficiados ou pelo governo através de taxas gerais que atinjam a todos os contribuintes. Além disso, ou melhor, por isso, as obras públicas têm que ser rentáveis, ou ainda, sustentáveis como querem na atualidade. Este é o espírito das parcerias público-privadas.

E, o mais curioso, e que seria impensável há pouco tempo atrás, é que o empresariado tem interesse em fazer investimentos até mesmo em obras ou serviços pelo qual o consumidor imediato não pague. Explico: alguém vai pagar, mas não necessariamente o consumidor imediato, como foi o caso do show dos Rolling Stones no Rio de Janeiro. Nenhum consumidor imediato pagou por isso, mas é claro que a despesa dos empresários foi paga em milésimos de reais em cada aparelho celular da empresa que patrocinou o show ou na divulgação da imagem e consequente aumento de consumo de celulares.

Também no caso das obras públicas de consumo coletivo, rodovias, ferrovias, portos, praças, passarelas, passeios, estacionamentos, água, gás, energia elétrica e, porque não, pirâmides, é preciso descobrir onde está o interesse do mercado. Hoje, as pirâmides atraem milhões de turistas, e o estado egípcio, sucessor dos faraós faz a festa. No Rio, a cidade dos espetáculos, a simples paisagem já faz o consumidor mexer no bolso. Nós só temos que preservar o que temos e garantir as

condições para o turista apreciar, pagando é claro.